

**À FUNÇÃO POÉTICA DA LINGUAGEM  
EM ROMAN JAKOBSON**

**LUIZA ELY MILANO  
AUGUSTO STEVANIN**

*TO THE POETIC FUNCTION OF LANGUAGE IN ROMAN JAKOBSON*Luiza Ely Milano<sup>1</sup>ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0040-7911>DOI: <https://doi.org/10.59666/fiosdeletras.v1i01.3445>Augusto Stevanin<sup>2</sup>ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7090-349X>DOI: <https://doi.org/10.59666/fiosdeletras.v1i01.3445>

**RESUMO:** Quais conceitos linguísticos são mobilizados quando há o fenômeno da função poética da linguagem? Para compreender o fenômeno da função poética da linguagem, o que precisa, em termos conceituais, fundamentalmente ser considerado? Roman Jakobson foi categórico ao afirmar que a Linguística deve interessar-se por todas as formas de manifestação da linguagem. Em *Linguística e Poética* (1960) traça minucioso percurso investigativo sobre as diferentes funções da linguagem dedicando-se particularmente à função poética da linguagem. Neste trabalho teórico voltamo-nos à função poética da linguagem, buscando entender do ponto de vista teórico o fenômeno e os conceitos linguísticos que ficam mobilizados quando há seu efeito. Para compreender a função poética da linguagem em Roman Jakobson e os conceitos linguísticos que o fenômeno mobiliza refletimos desde o ponto de encontro entre as áreas que o linguista russo tão bem fez dialogar, os Estudos Linguísticos e os Estudos Literários, o fenômeno da função poética da linguagem para ser compreendido sobretudo exige de nós que não adotemos uma posição opositora entre as áreas do conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Roman Jakobson; Linguística; Poética; Função poética da linguagem.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professora e orientadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma universidade. E-mail: [luizamilanos@gmail.com](mailto:luizamilanos@gmail.com); Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-0040-7911>; <http://lattes.cnpq.br/5825549965422633>.

<sup>2</sup> Mestrado (2022) em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Licenciado em Letras pela mesma universidade. E-mail: [4ugusto369@gmail.com](mailto:4ugusto369@gmail.com); Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7090-349X>; <http://lattes.cnpq.br/5450457465776340>

---

**ABSTRACT:** What linguistic concepts are mobilized when there is the phenomenon of the poetic function of language? To understand the phenomenon of the poetic function of language, what fundamentally needs to be considered in conceptual terms? Roman Jakobson was categorical in stating that Linguistics should be interested in all forms of language manifestation. In *Linguistics and Poetics* (1960), he meticulously traces an investigative path on the different functions of language, particularly dedicating himself to the poetic function of language. In this theoretical-analytical work, We turn to the poetic function of language, seeking to understand, from a theoretical point of view, the phenomenon and linguistic concepts mobilized when its effect occurs. To understand the poetic function of language in Roman Jakobson and the linguistic concepts that the phenomenon mobilizes, we reflect from the meeting point between the areas that the Russian linguist brought into dialogue so well, Linguistic Studies and Literary Studies, the phenomenon of the poetic function of language to be understood above all requires us not to adopt an oppositional position between the areas.

**KEYWORDS:** Roman Jakobson; Linguistics; Poetics; Poetic Function of Language.

## Introdução

Nosso desejo com este texto é fazer incursão no ‘Linguística e Poética’ (1960), de Roman Jakobson, a fim de investigar a ideia de função poética da linguagem e nela investir; assim partilhar uma leitura, impressões, dúvidas e movimentos. As principais perguntas que estruturam essa escrita são: quais conceitos linguísticos ficam mobilizados quando há o fenômeno da função poética da linguagem? Para compreender o fenômeno da função poética da linguagem, o que precisa, em termos conceituais, fundamentalmente ser considerado?

Nem sempre é fácil, ou quase nunca, discorrer a respeito daqueles teóricos que são como gigantes, teóricos que lançaram luz sem igual sobre uma ou outra área do conhecimento, refletindo e fazendo avançar um ou tantos temas e ideias. Certamente Roman Jakobson é um linguista que se encontra neste rol de teóricos grandiosos que a quem tem desejo de investigar provoca inquietação. Por este motivo, precisamente, torna-se importante sinalizar que a incursão pretendida nesse texto é modesta; sobre Roman Jakobson e a função poética da linguagem um tanto de coisas seguirão precisando serem ditas, investigadas e investidas, aqui apenas seremos capazes de iluminar um e outro aspecto daquilo que no conjunto e totalidade se mostra deveras inalcançável. Que a inquietude diante daquilo que é grandioso possa sempre ser motor de criação, nunca a paralisia.

A quem está habituado a reconhecer em Roman Jakobson o grande linguista da fonologia estrutural sincrônica, principal redator das ‘Teses de 1929’, pesquisador da linguagem em seu funcionamento comum e em suas disfunções, as afasias,

talvez ocorra estranho localizá-lo em terreno próximo ao da literatura ou ainda, mas especificamente, próximo à poesia. Pensamos estar, entretanto, entre outros desejos que temos com essa escrita, a fortíssima vontade de não oposição entre os trabalhos elaborados por Roman Jakobson, principalmente ao que diz respeito por seu interesse teórico por linguística, literatura e arte. O movimento aqui se quer precisamente outro, não a oposição, antes, o laço.

A respeito de um teórico de tamanha envergadura, quando se quer falar, por exemplo e não por acaso, sobre a função poética da linguagem, qualquer oposição dicotomizante pode representar algum tipo de risco; considerando que lidar com aquilo que é grandioso e complexo é um ato nenhum pouco fácil, precisamos, portanto, admitir a grandiosidade e complexidade do tema ao qual nos lançamos e simultaneamente admitir nossa modéstia nesse movimento, movimento que é o de partilha de um itinerário possível pelas ideias do grande e heterogêneo mestre Roman Jakobson.

### 1. Entre Linguística e Literatura

Embora Jakobson possa na maioria das vezes ser lembrado como o grande teórico da fonologia estrutural sincrônica, quem, pela primeira vez, para dar conta de uma reflexão sobre língua usou o termo estrutura, apontou para o som como feixe de sentido, isso no território dos estudos linguísticos – mais precisamente o da fonologia, que então era fundada pelo próprio linguista junto ao também russo Nicolai Trubetzkoy – ora, por isso lembrado com razão; ainda que tenha Roman Jakobson feito avançar um tanto das reflexões no campo dos Estudos da Linguagem, não é menos verdade que, aos Estudos Literários, deixou pesar igualmente seus efeitos.

Embora para alguns possa soar um movimento ousado o de querer que Estudos da Linguagem e Literários se aproximem, podendo assim conversar e gerar efeitos, um deslocamento no tempo e espaço em direção ao contexto de reflexão e trabalho nos quais esteve Roman Jakobson envolvido – e isso nas primeiras décadas do século XX – rapidamente obriga que nossa estranheza se dissolva. Pensamos, por exemplo, tanto no Círculo Linguístico de Moscou quanto no Círculo Linguístico de Praga, territórios de teorização em que circulavam tanto linguistas quanto teóricos de estética literária, inclusive artistas. Ora, o modelo estrutural de análise postulado pela Linguística, ele próprio foi – tanto pelos teóricos dos Estudos da Linguagem quanto pelos teóricos dos Estudos Literários – aplicado à análise da obra de arte verbal.

---

Que se queira que os Estudos da Linguagem e Estudos Literários estejam um subtraído do outro, sobretudo, talvez seja um problema a ser contemporaneamente resolvido. Ao que parece, há cerca de um século atrás, isso ao menos aos movimentos teóricos acima apontados, não havia propriamente subtração de uma área pela outra, estudar língua era estudar literatura assim como estudar literatura era estudar língua. No campo dos Estudos da Linguagem, também nos Estudos Literários, seja por qual lado for aquele desde o qual é possível entrar em contato com Roman Jakobson, a lição a ser aprendida nos parece precisamente ser a respeito de algo que se situa em um terreno entre, terreno no qual Jakobson certamente soube pisar com maestria.

É no próprio ‘Linguística e Poética’, texto no qual nos lançamos para investigar a ideia de função poética da linguagem, onde Roman Jakobson não deixa restar qualquer dúvida acerca do risco diante do qual pode se encontrar o estudioso da linguagem ou então o pesquisador da literatura em opor uma e outra área do conhecimento. Talvez quase como ato subversivo, antes mesmo de nos lançarmos no itinerário anunciado, nossa primeira citação será – propositalmente – parte do último parágrafo do referido texto, passagem na qual há crítica severa àqueles que opõem língua e literatura, crítica, aliás, que costura todas as ideias apresentadas pelo mestre:

Esta minha tentativa de reivindicar para a Linguística o direito e o dever de empreender a investigação da arte verbal em toda sua amplitude e em todos seus aspectos conclui com a mesma máxima que resumia meu informe à conferência que se realizou em 1953 aqui na Universidade de Indiana: *Linguista sum; linguistici nihil me alienum puto*.<sup>3</sup> Se o poeta Ranson estiver certo (e o está) em dizer “a poesia é uma espécie de linguagem”, o linguista, cujo campo abrange qualquer campo de linguagem pode e deve incluir a poesia no âmbito de seus estudos. (...) Se existem alguns críticos que ainda duvidam da competência da Linguística para abarcar o campo da Poética, tenho para mim que a incompetência poética de alguns linguistas intolerantes tenha sido tomada por uma incapacidade da própria ciência linguística. Todos nós que aqui estamos, todavia, compreendemos definitivamente que um linguista surdo à função poética da linguagem e um especialista de literatura indiferente aos problemas linguísticos e ignorante dos métodos linguísticos são, um e outro, flagrantes anacronismos. (JAKOBSON, 1976, p. 161-162)

---

<sup>3</sup> Paráfrase à célebre frase do dramaturgo latino Terêncio (195 a.C.-159a.C.)- *Homo sum; humani nihil a me alienum puto* – na qual há forte elogio à tolerância: “sou humano e nada do que é humano considero a mim estranho” (tradução nossa). Desde a leitura de Roman Jakobson, podemos acompanhar: “sou linguista e nada do que é linguístico considero a mim estranho” (tradução nossa).

Foi precisamente uma posição que não se quis opositora entre as áreas do conhecimento que permitiu ao linguista sustentar e refletir sobre a noção de função poética da linguagem.

## 2. Bases para considerar a função poética em Roman Jakobson

Em linhas gerais, a função poética da linguagem em Roman Jakobson tem a ver com certa desterritorialização das relações entre o som e o sentido das palavras. Quando estamos diante do fenômeno da função poética da linguagem o chão sobre o qual estávamos acostumados a pisar se desfaz, sobre esse chão repousava nossos pés e pensamentos, as palavras e o jogo entre as palavras com o qual o nosso espírito estava habituado. Na função poética da linguagem as relações entre som e sentido das palavras, o próprio jogo entre as palavras em uma extensão sintagmática, são compostas de um jeito estranho, quando o fenômeno da função poética da linguagem se manifesta há na composição e no jogo relacional das palavras uma ordem inquietante e inesperada.

Antes de avançar propriamente na reflexão sobre a função poética da linguagem, investir e investigar as considerações sobre esse fenômeno desde as ideias de Roman Jakobson, considerado que a função poética da linguagem mobiliza o som e o sentido das palavras, o próprio jogo das palavras entre si – na extensão de um poema ou uma propaganda publicitária ou então uma frase política de efeito – antes de avançar nos exemplos dados pelo linguista em seu texto, antes de avançar nos conceitos teóricos fundamentais que ficam mobilizados, faremos o seguinte movimento:

Estaremos certos ao considerar ‘Linguística e Poética’ um texto produzido em um período de certa maturidade intelectual de Roman Jakobson, já que fora publicado ao final da primeira década da segunda metade do século passado (1960) e não apenas produzido diante da maturidade do linguista russo, mas inclusive diante da maturidade do próprio desenvolvimento das ideias linguísticas, quer dizer, a linguística moderna já havia sido fundada por Ferdinand de Saussure – a linguística sincrônica –, aquela cuja materialidade havia sido revelada, isso graças ao corte epistemológico inaugurado pelo genebrino, como som (ou, para usar o termo proposto nas aulas de linguística geral, “significante”); igualmente a fonologia estrutural sincrônica havia sido fundada, aliás pelo próprio Roman Jakobson ao lado de Nikolai Trubetzkoy, linguistas que constituíram o Círculo Linguístico de Praga, berço das ‘Teses de 1929’; antes disso, Roman Jakobson havia ainda feito parte do Círculo Linguístico de Moscou, território no qual esteve ao lado tanto de linguistas

---

quanto de poetas, pintores e estudiosos do folclore e estética literária. As atividades do CLM – vinculadas à Universidade de Moscou – tiveram início em 1915 e encerraram em 1919, tendo como um de seus fundadores e primeiro presidente o próprio Roman Jakobson.

Para avançarmos na reflexão sobre a desterritorialização entre som e sentido, que principalmente na poesia de tradição lírica fica dilatada, retornaremos a dois importantes trabalhos de Jakobson para, sobretudo, pensarmos sobre aquilo que considerou o autor sobre som e sentido, faremos breve percurso tendo como desejo sustentar nossa incursão, tudo isso na companhia de trabalhos do próprio linguista, que aqui serão postos lateralmente como algum tipo de base para conseguirmos avançar propriamente na investigação a respeito do fenômeno função poética da linguagem.

Nosso primeiro ponto de paragem será a obra anteriormente mencionada, as ‘Teses de 1929’, obra coletiva produzida pelo importante movimento intelectual da primeira metade do século XX, o Círculo Linguístico de Praga, formado por grandes nomes como Roman Jakobson, Nicolai Trubetzkoy e Jan Mukarovsky. Foi no ano de 1926 que pela primeira vez se reuniu o CLP e seu declínio ocorreu devido à segunda grande guerra europeia e a delicada situação política na qual a Checoslováquia se encontrava. Entre os anos de 1929 e 1941 o CLP realizou uma série de publicações sob o título *Travaux du Cercle Linguistique de Prague*, série de trabalhos que foi interrompida no seu décimo volume. A primeira aparição desse grupo de intelectuais e de suas ideias ocorreu no ano de 1928 durante o I Congresso Internacional de Linguista realizado em Haia, na Europa; as ‘Teses’, trabalho que fazia efeito tanto o campo do pensamento linguístico, quanto no território das ciências humanas, foram apresentadas pelo CLP como contribuição ao I Congresso de Filólogos Eslavos, realizado em Praga em 1929.

É nas referidas ‘Teses’, obra coletiva que teve como Roman Jakobson como principal redator, na parte intitulada “Tarefas do estudo de um sistema linguístico, do sistema eslavo em particular” que encontramos as “Tarefas fundamentais da fonologia sincrônica”, onde podemos acompanhar:

É preciso caracterizar o sistema fonológico, isto é, estabelecer o repertório das imagens acústico-motoras mais simples e significativas de determinada língua (os fonemas), especificando obrigatoriamente as relações existentes entre tais fonemas, vale dizer, traçando o esquema estrutural da língua considerada. (...) É preciso determinar as combinações de fonemas realizadas numa língua em confronto com as combinações teoricamente possíveis desses fonemas, as variações da ordem de seu agrupamento e a extensão dessas combinações. (...) Devemos determinar também o grau de utilização e a densidade de realização dos fonemas examinados, bem com suas combinações, de extensão variada. (TOLEDO, D., 1978, p. 85)

Na passagem citada, lidamos com considerações teóricas provenientes de estudiosos preocupados em alicerçar as bases de um fazer e pensar que então se encontrava em pleno curso de elaboração. É frente a tal empreendimento – o da fundação de uma área do saber, área do conhecimento que aliás acabou servindo de base tanto para outros segmentos da linguística quanto das ciências humanas – que acompanhamos aquilo que era posto como fundamental para que fosse possível encarar um sistema de língua desde o ponto de vista da fonologia estrutural sincrônica, são ideias como “repertório de imagens acústico-motoras (fonemas)”, “relações” existentes entre os fonemas, “combinações de fonemas realizadas em uma língua” e “grau de utilização e a densidade de realização dos fonemas”, encontradas já nas ‘Teses’ (cf. TOLEDO, 1978), que permitirão, assim acreditamos, refletir sobre aquilo que fica mobilizado – do ponto de vista conceitual linguístico – quando há o fenômeno da função poética da linguagem; por exemplo, falante e poeta partem de um mesmo sistema linguístico, de um mesmo repertório fonêmico, para elaborar suas mensagens verbais, sendo assim, que diferença poderia haver entre a mensagem verbal elaborada por um falante e um poeta? Haveria algum desvio por parte do poeta em relação àquelas combinações mais usuais da língua de comunicação? Haveria no fenômeno da linguagem poética algum grau de utilização e densidade desviante em relação ao uso dos fonemas na língua ordinária? Mais à frente, na companhia de uma versão de Jakobson entre os Estudos Linguísticos e Literários, poderemos desdobrar essas questões, mas antes vamos às bases para considerar o fenômeno da função poética.

Nosso outro ponto de paragem breve para então sustentar nossa reflexão sobre o fenômeno da função poética da linguagem desde Roman Jakobson será a segunda lição presente nas ‘Seis lições sobre som e sentido’ (JAKOBSON, 1977), obra resultante de aulas ministradas pelo linguista quase duas décadas após apresentação das ‘Teses’ – enquanto esteve exilado em Nova York trabalhando na Escola Livre de Altos Estudos – curso que, aliás, teve como espectador o antropólogo francês e também refugiado Claude Lévis-Strauss.

Na segunda lição da referida obra, ao voltar-se à misteriosa relação entre o som e o sentido do signo linguístico, isso após na primeira lição realizar um percurso de base histórica quanto à evolução da concepção e abordagens que som teve no campo dos estudos linguísticos, admitindo que o signo é uma entidade de duas faces intimamente unidas na qual uma remete a outra – o som ao sentido e o sentido ao som – Roman Jakobson não deixa restar qualquer dúvida quanto ao grandioso passo dado por Ferdinand de Saussure ao inscrever o som dentro de um quadro de base relacional e diferencial, sendo precisamente esse quadrante delineado pelo fundador da linguística sincrônica moderna aquilo que fez com que som se alçasse



---

a um estatuto linguístico, assim, por exemplo, ultrapassando uma tendência à psicologia pura ou então à fonética interessada unicamente no ato articulatório. Na referida lição, ao final, acompanhamos:

Saussure ensina-nos que aquilo que interessa na palavra não é o som em si mas as diferenças fônicas que permitem distinguir esta das demais palavras, pois são estas diferenças que comportam a significação. O *Curso* lança a fórmula que mais tarde viria a ficar célebre: “Os fonemas são antes do mais entidades opositivas, relativas e negativas”. Saussure chega a afirmar que o sistema destes fonemas claramente diferenciado, o *sistema fonológico*, como ele o designa, é a única realidade que interessa ao linguista no domínio fônico (JAKOBSON, 1977, p. 44).

A direção para a qual Roman Jakobson nos faz olhar e isso a partir de F. de Saussure para compreendermos o mistério daquilo que faz o signo linguístico ser o que é – a união entre o som e o sentido – é a relação diferencial entre os sons, nem o som em si, tampouco unicamente a ideia, o sentido de um signo é resultado diferencial da relação entre os elementos fônicos que carrega, é isso que encontramos na segunda lição de Jakobson, o signo carrega matéria fônica que é suporte do sentido; e o sentido resulta, estaríamos autorizados a pensar, também da relação que o próprio signo pode vir a travar com um outro signo que seja posto em relação, ou seja, o signo é resultante das relações e diferenças fônicas internas a ele e também das relações e diferenças relacionais presentes numa extensão sintagmática, quer dizer, das relações que pode travar com outros signos.

Roman Jakobson nomeia os sons de um sistema fonológico – essas partículas munidas de valor distintivo e engendradora de sentido – como os “quanta” da língua – os fonemas. O linguista nos volta a atenção para o som linguístico, ou seja, o som revestido de valor e sentido em linguística, o som inscrito em um quadrante de base relacional e diferencial. Considerar o som desde sua condição de elemento linguístico diferencial e relacional, quer dizer, o som munido de sentido e valor, será crucial para compreensão do efeito da função poética da linguagem.

Estabelecidas as bases para percorrer nosso itinerário, à função poética da linguagem:

### 3. À função poética da linguagem em Roman Jakobson

Até este ponto, consideramos, para então investir no fenômeno da função poética da linguagem desde o ponto de vista conceitual linguístico do próprio fenômeno, aquilo que poderia ser apontado como uma versão de Roman Jakobson circunscrito no território dos Estudos da Linguagem. Desse jeito, sim, olhamos

para esse teórico voltado à Linguística, e por outro lado, ou precisamente pelo entrecruzamento, queremos olhar para uma versão do linguista voltado aos Estudos Literários (no geral) e à Poética e/ou à Poesia (em específico). Isso pois acreditamos ser esse o único caminho possível para a reflexão quanto ao fenômeno da função poética da linguagem: um caminho que não se quer opositivo entre essas áreas do conhecimento, antes um saber que esteja entre a Linguística e a Literatura.

Precisamos considerar, desse jeito, uma versão de Jakobson que esteve interessado nos estudos em Fonologia Estrutural Sincrônica e igualmente quem cerca de trinta anos após publicação das ‘Teses’, vinte anos após as aulas na Escola Livre de Altos Estudos, afirmou que a Poética, interessada na diferença específica entre a arte verbal e as demais condutas verbais, tem seu lugar assegurado tanto no campo dos Estudos Literários quanto nos Estudos Linguísticos. Estudos Linguísticos e Estudos Literários em diálogo: essa é a posição defendida por Jakobson em ‘Linguística e Poética’ de 1960, texto no qual o linguista russo se volta propriamente à noção de função poética da linguagem, fenômeno impossível de ser pensado sem que se considere as duas áreas do conhecimento em uma relação de complementariedade. Ao ‘Linguística e Poética’ propriamente, portanto.

Sem qualquer desejo de esgotar as ideias apresentadas por Jakobson, comecemos pelas generalidades: é possível considerar que ‘Linguística e Poética’ foi um trabalho elaborado em um momento de maturidade intelectual de Jakobson, mas não apenas diante da maturidade do autor, foi produzido diante de um momento de maturidade do próprio desenvolvimento das ideias linguísticas, quer dizer, a linguística sincrônica já havia sido fundada – por Ferdinand de Saussure – também a fonologia estrutural sincrônica – aliás pelo próprio Jakobson junto da Escola de Praga.

O ‘Linguística e Poética’, embora não apresente separação formal, pode ser dividido em duas partes, ao menos é assim que tentamos compreendê-lo. Na primeira parte, Jakobson diz que a Poética é parte integrante da Linguística, isso pois a Poética está voltada à diferença específica da arte verbal em relação às demais atividades verbais, afirma também que a Linguística, por sua vez, sendo uma ciência mais ampla da estrutura verbal, deve estar implicada nas mais diferentes formas expressivas da linguagem:

A Poética trata fundamentalmente do problema: *Que é que faz de uma mensagem verbal uma obra de arte?* Sendo o objeto principal da Poética a *differentia specifica* entre arte verbal e as outras artes e espécies de condutas verbais, cabe-lhe um lugar de preeminência nos estudos literários. (...) A Poética trata dos problemas da estrutura verbal, assim como a análise de pintura se ocupa da estrutura pictorial. Como a Linguística é a ciência global da estrutura verbal, a Poética pode ser encarada como parte integrante da Linguística (JAKOBSON, 1976, p. 118-119).

---

O linguista russo apresenta também na primeira parte do texto os seis elementos básicos presentes em todo ato de comunicação verbal: o remetente, o contexto, a mensagem, o destinatário, o contato, e claro, componente sem o qual o sentido de qualquer mensagem jamais poderia ser posto em ação, o código. Em seguida o autor apresenta as seis funções da linguagem correspondentes, cada uma delas sendo mobilizada por seu respectivo elemento, ou seja, quando há em uma cena de troca verbal dominância do remetente, Jakobson diz então ficar revelada a função emotiva; quando há dominância do contexto, revela-se a função referencial; quando se sobressai o trabalho sobre a própria mensagem verbal, fica revelada a função poética da linguagem; assim como a dominância sobre o destinatário revela a função conativa; sobre o contato a função fática; e sobre o código a função metalinguística.

Embora não haja divisão formal no texto, é possível perceber que após a apresentação dos seis elementos básicos da comunicação e suas seis respectivas funções, Jakobson afunila pela função poética da linguagem, o que consideramos ser a segunda parte do texto e a grande questão do teórico no ‘Linguística e Poética’.

Tendo apresentado os seis elementos básicos da comunicação e suas respectivas funções, o Jakobson se pergunta pelo critério linguístico empírico da função poética da linguagem, acompanhamos: “qual é o característico indispensável, inerente a toda obra poética?” (JAKOBSON, 1976, p. 129). Para responder essa pergunta Jakobson recorre aos dois modos básicos de arranjo utilizados na composição verbal: a seleção e a combinação, ao produzirmos um discurso, podemos acompanhar, inevitavelmente ficamos diante das escolhas dos elementos e de suas combinações em uma extensão sintagmática.

Quando há o fenômeno da função poética da linguagem, podemos acompanhar em Jakobson, ocorre uma força ou um trabalho que recai sobre a mensagem, essa força, por sua vez, é efeito de uma operação linguística que se dá graças à sobreposição do eixo da seleção sobre o eixo da combinação, ao que conseguimos compreender, nenhuma escolha é casual quando se está diante das mensagens verbais em que a função poética está dominante, no ‘Linguística e Poética’ encontramos:

Qual é o critério linguístico empírico da função poética? Em particular, qual é o característico indispensável, inerente a toda obra poética? (...) Se ‘criança’ for o tema da mensagem, o que fala seleciona, entre os nomes existentes, mais ou menos semelhantes, palavras como criança, guri(a), garoto(a), menino(a), todos eles equivalentes entre si, sob certo aspecto e então para comentar o tema, ele pode escolher um dos verbos semanticamente cognatos – dorme, cochila, cabeceia, dormita. Ambas as palavras escolhidas se combinam na cadeia verbal. A seleção é feita em base de equivalência, semelhança e dessemelhança, sinonímia e antonímia,

ao passo que a combinação, a construção da sequência, se baseia na contiguidade. A função poética projeta o princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o eixo de combinação. (JAKOBSON, 1976, p. 129-130).

Já na segunda parte, bastante analítico, interessado mais especificamente no fenômeno da função poética da linguagem, Jakobson volta-se à análise de textos versificados, isso, não sem antes dizer que a função poética da linguagem não está restrita à poesia, nela, na poesia, apenas a função poética fica posta de modo mais dilatado:

Conforme dissemos, o estudo linguístico da função poética deve ultrapassar os limites da poesia, e, por outro lado, o escrutínio linguístico da poesia não se pode limitar à função poética. As particularidades dos diversos gêneros poéticos implicam uma participação, em ordem hierárquica variável, das outras funções verbais a par da função poética dominante (JAKOBSON, 1976, p.128).

Roman Jakobson não é modesto em suas análises no decorrer de sua exposição, cita desde a métrica do grego e árabe antigo à poesia clássica chinesa, passa por canções épicas da sérvia, também por formas poéticas ugro-finesas (língua falada na Finlândia), pela poesia folclórica e canções matrimoniais russas, pelo folclore eslavo, as canções de povos indígenas da América, etc. Quando faz análises do fenômeno da função poética da linguagem, explora desde a propaganda política e slogan publicitário aos versos de Edgar Allan Poe e William Shakespeare.

Passemos rapidamente a alguns exemplos trabalhados por Roman Jakobson para conseguirmos pensar sobre o fenômeno da função poética da linguagem antes de propriamente nos voltarmos aos conceitos linguísticos mobilizados por ela.

O efeito da função poética da linguagem se manifesta, acompanhado Jakobson, tanto no slogan político: “*I like Ike*” e também na célebre frase do imperador romano Júlio César com a qual anunciava suas vitórias de colonização: “*vini, vidi, vici*” quanto no seguinte verso: “*And the Raven, never flitting, still is sitting, still is sitting*” da estrofe final do “*The Raven*” de Edgar Allan Poe. Exemplos entre si diferentes ainda que partilhem um mesmo traço, ou melhor, o efeito de um mesmo fenômeno, é ele, a função poética da linguagem.

Jakobson atribui poeticidade aos slogan político devido à sequência estruturada em três monossílabos que apresentam e reiteram um mesmo ditongo /ai/, cada um, aponta o linguista, sendo seguido simetricamente de um som consonantal: /l - k - k /, revelando uma rima em eco em uma fórmula trissilábica: “imagem paronomástica de um sentimento que envolve totalmente o seu objeto” (JAKOBSON, 1976, p.129); já

---

na vitoriosa frase de Júlio César diz haver uma simetria nos três versos dissilábicos possuindo, cada um deles, idêntica consoante inicial e idêntica vogal final, de acordo com Jakobson, é esse jogo entre som e sentido que dá a frase do imperador o “esplendor”.

No primeiro verso da última estrofe de “*The Raven*” de Edgar Allan Poe, Jakobson diz que há nessa sequência onde o eixo de seleção se superpõe da combinação “duas sequências fonêmica semelhantes, próximas uma da outra” (JAKOBSON, 1976, p. 149) que assumem função paronomástica: “É verdade que o primeiro verso da estrofe final de *Corvo* de Poe faz largo uso de aliterações repetitivas, conforme assinalou Valéry, mas o ‘efeito irresistível’ desse verso e de toda estrofe é fundamentalmente devido ao domínio da etimologia poética.” (JAKOBSON, 1976, p. 150-151). No verso em questão, Jakobson mostra, tal como está posto entre o próprio título do poema e o refrão sinistro reiterado pela ave – *the raven* e *never* – paronomásias parcialmente invertidas.

Embora nos três exemplos recuperados haja efeito do fenômeno da função poética da linguagem, é importante notar que não é de uma mesma forma que ele se manifesta, ainda que possamos dizer que o traço partilhado por essas mensagens verbais seja o trabalho de sobreposição do eixo da seleção sobre o eixo da combinação, a não casualidade das escolhas combinadas, ou seja, um trabalho feito sobre a seleção dos fonemas e seu agrupamento na extensão combinatória, o grau e a densidade de utilização dos sons e o jogo relacional engendrado pelo som e sentido na mensagem verbal que se revela com finalidade poética/estética. No texto acompanhamos:

A acumulação, superior a média, de certa classe de fonemas, ou uma reunião contrastante de duas classes opostas na textura sonora de um verso, de uma estrofe, de um poema, funciona como uma ‘corrente subjacente de significado’ para usar a pitoresca expressão de Poe” (JAKOBSON, 1976, p. 152)

É deveras interessante a ideia de “textura sonora” que Roman Jakobson utiliza ao se referir aquilo que pode ocorrer em uma mensagem verbal em que a função poética está em ação, textura tem a ver com o sentido do tato, já o som liga-se ao sentido da escuta, sendo assim, diante da função poética da linguagem, poderíamos pensar que nossa escuta tateie as sonoridades como uma mão que acaricia a pelagem de um cão?

A pergunta condutora de Jakobson quanto àquilo que pode tornar uma mensagem verbal uma obra de arte tem como resposta o fio reflexivo tecido acima, a resposta está no eixo da seleção que faz peso no eixo combinatório. Há um trabalho que ocorre na seleção que se sobrepõe à combinação e que repercute na construção

do sentido. Assim em uma mensagem verbal na qual está dilatada a função poética da linguagem o rastro da evidência fica posto na seleção.

Desse jeito, tal como temos conseguido ler a função poética da linguagem desde Roman Jakobson, o fenômeno mobiliza principalmente as ideias de eixo paradigmático (aquele mecanismo da composição verbal que opera na seleção e substituição) e de eixo sintagmático (mecanismo que opera na combinação), mas não apenas.

Quando há dilatação do fenômeno da função poética da linguagem na mensagem verbal há uma tensão que se apresenta na cadeia da seleção de um jeito cada vez inusitado e essa seleção sempre repercute no sentido da mensagem, Jakobson fala de um “efeito irresistível” resultante de certa “hesitação entre som e sentido”; também a função poética, acompanhando o teórico, não estaria restrita à simples repetição de fonemas, mais do que repetição, o fenômeno revela o efeito de um jogo inusitado que se apresenta pelas palavras, quer dizer, por óbvio, daquilo que faz uma palavra ser uma palavra, ou seja, o jogo entre som e sentido, acompanhamos:

Por efetiva que seja a ênfase na repetição, em poesia, a textura sonora está longe de confinar-se a combinações numéricas, e um fonema que apareça uma única vez, mas numa palavra-chave, em posição pertinente, contra um fundo contrastante, pode adquirir relevo significativo (JAKOBSON, 1976, p. 154).

Desse jeito: o fenômeno da função poética da linguagem mobiliza conceitos linguísticos como o de eixo de seleção, eixo de combinação, de som e sentido, mas não somente.

O fenômeno mobiliza também os conceitos linguísticos de valor e arbitrariedade, ora, o som em linguística, quer dizer, o estudo do som desde Roman Jakobson, ou melhor, o estudo do som desde Ferdinand de Saussure, é uma estudo do som de base relacional e diferencial, isso pudemos acompanhar desde as ‘Teses’ e principalmente na passagem de ‘Seis lições’ acima exposta. O som é não apenas um elemento relacional como também no campo dos Estudos Linguísticos se ancora às ideias de sentido e valor, sentido e valor linguístico.

É deveras interessante reconhecer que Roman Jakobson em ‘Linguística e Poética’ ao longo do texto não se debruça sobre as ideias de valor e arbitrariedade, conceitos basilares da linguística sincrônica fundada pelo mestre genebrino Ferdinand de Saussure, entretanto, é precisamente devido à função poética da linguagem tocar em tais ideias, ou melhor, sustentar-se nesses conceitos, que a imprevisibilidade acaba por ser uma marca fundante do fenômeno; Roman Jakobson

---

não discute as ideias de valor e arbitrariedade em ‘Linguística e Poética’, mas, por outro lado, utiliza ideias como “imprevisível” (JAKOBSON, 1976, p. 147) e “ficções linguísticas” (JAKOBSON, 1976, p. 158), tal como o lemos, um jeito um tanto quanto original, ou melhor ainda, um tanto quanto poético, para precisamente falar sobre os conceitos saussurianos de valor e arbitrariedade.

Retornemos rapidamente ao ‘Curso de linguística geral’, obra póstuma atribuída a Ferdinand de Saussure, fruto da anotação de seus alunos que acompanharam entre a primeira e segunda década do século XX suas aulas de linguística geral.

A noção de arbitrariedade é apresentada nos ‘Princípios gerais’ da referida obra, após as considerações sobre a natureza do signo linguístico: “O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. (...) O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces.” (SAUSSURE, 2012, p. 106). Duas ideias aí posta importantíssimas para darmos continuidade à reflexão sobre a função poética da linguagem. Primeira: desde Saussure compreendemos que o signo linguístico, composto da relação entre significante e significado – ou som e sentido, como expõe Jakobson – não une os signo às coisas no mundo, ou seja, no terreno dos estudos linguísticos, estamos antes diante das palavras e das palavras e não diante das palavras e das coisas, é por isso que dizemos que a relação entre signos e as coisas no mundo é arbitrária, pois não há relação motivada entre as palavras e as coisas, havendo assim, uma realidade que é própria e característica do jogo entre as próprias palavras. Segunda: a própria relação entre o significante e o significado de um signo linguístico é arbitrária, acompanhamos no ‘Curso’:

O laço que une o significado ao significante é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer mais simplesmente: o signo linguístico é arbitrário. (...) queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (SAUSSURE, 2012, p. 108-109).

Os signos tanto não possuem relação necessária e direta com a realidade das coisas no mundo quanto em seu interior – aquilo que une um som e um sentido – não apresenta laço natural.

Quanto à noção de valor em linguística desde o ‘Curso’: compreender a noção de valor linguístico requer entender que um signo – ou então um som que é a contraparte do sentido – não carrega em si um valor existente antes do jogo relacional que é travado entre os próprios signos em uma extensão sintagmática ou então entre os sons que compõem um próprio signo, é precisamente diante de um jogo relacional

que um elemento linguístico poderá ganhar valor, será propriamente na relação travada entre os sons de um único signo ou então na relação travada entre diferentes signos distribuídos em uma extensão sintagmática que o/s signo/s poderão gerar valor e sentido, e esse valor e sentido – já que o som é diferencial e relacional – gera valor e sentido diante daquilo que se coloca antes, diante daquilo que vem depois e também diante daquilo que se associa em ausência, ou seja, daquilo que não se apresenta, acompanhamos no ‘Curso’:

Quer se considere o significado, quer o significante, a língua não comporta ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico, mas somente diferenças conceituais e diferenças fônicas resultantes desse sistema. O que haja de ideia ou de matéria fônica num signo importa menos do que o que existe ao redor dele nos outros signos. A prova disso é que o valor de um termo pode modificar-se sem que se lhe toque quer no sentido quer nos sons, unicamente pelo fato de um termo vizinho ter sofrido uma modificação. (...) Um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinadas com uma série de diferenças de ideias; mas essa confrontação de certo número de signos acústicos com outras divisões feitas na massa do pensamento engendra um sistema de valores. (SAUSSURE, 2012, p. 167-168).

Mas o que precisamente arbitrariedade e valor teria a ver com o fenômeno da função poética da linguagem? Por qual motivo esses conceitos linguísticos, além do eixo da seleção, eixo da combinação, som e sentido, são basilares para a compreensão da função poética da linguagem?

Primeiro, sobretudo se tivermos em mente a poesia de tradição lírica, podemos pensar que uma mensagem verbal na qual está dilatada a função poética, na qual há sobreposição do eixo da seleção sobre o eixo da combinação, não tem em absoluto nenhuma relação com as coisas no mundo, isso pois a poesia lírica revela uma realidade linguística na qual o que se apresenta é um jogo irresistível entre as palavras, para usar a ideia do próprio Jakobson, e esse jogo irresistível se torna possível precisamente devido à arbitrariedade que há entre o signo linguístico e as coisas do mundo e igualmente entre o significante e o significado. Na poesia de tradição lírica o que fica revelado é uma sedução articulada pelo jogo relacional encantatório entre as palavras que escancara a realidade discursiva armado por elas, escancara pois a poesia lírica deixa mais do que evidente que frente a ela ficamos diante das palavras e das palavras (as ditas “ficções linguísticas”, para retomar a expressão de Jakobson), deixa mais que evidente a natureza arbitrária das mensagens verbais em relação às coisas do mundo.



---

Já a noção de valor linguístico (e aí podemos pensar não somente a respeito de mensagens verbais poéticas, mas sim quanto a qualquer mensagem verbal), o valor de um signo linguístico – produzido na fala encadeada ou então revelado através da escrita em uma sequência de versos de uma estrofe – não é revelado senão desde o jogo relacional travado e tecido entre aquilo que se presentifica e aquilo que se ausenta, já que o sentido de um elemento linguístico sempre está na dependência de cada um dos elementos postos em relação, do primeiro ao último, e também daqueles que não são postos de forma evidente. Em última análise, o valor linguístico nos faz sobretudo lembrar que o sentido sempre poderá ser revelado de um outro e novo jeito, bastando que um elemento diferente – sonoro, por exemplo – seja posto em relação e oposição.

A função poética da linguagem liga-se aos conceitos linguísticos de arbitrariedade e valor, em resumo, pois quando há o efeito do fenômeno o que fica revelado é tanto uma construção verbal que soa como pura ficção linguística quanto um sentido que, engendrado pela noção de valor, é surpreendente e inusitado.

O fenômeno da função poética da linguagem é fundado por sua indefinição pois carrega em si indeterminação, espanto e surpresa pois sempre é da ordem do inusitado. O fenômeno da função poética da linguagem carrega em si o surpreendente e irresistível do jogo entre som e sentido, do jogo entre as palavras, que sempre revela uma construção verbal poeticamente irrepitível.

A marca de indeterminação que carrega o fenômeno da função poética da linguagem é sustentada justamente pela noção de valor e de arbitrariedade e afirmar isso nos leva a seguinte e importante consideração: querer falar sobre a função poética acaba sendo querer falar sobre algo que nunca se poderá saber ao certo e com precisão como estará manifesto materialmente em uma mensagem verbal; claro que é possível se voltar a textos com a impressão de que ali opera o fenômeno, mas se tratando da função poética, o fenômeno cada vez é diferente, isto posto, o fenômeno, o que ele revela, é sempre da ordem do inesperado e é a poesia que talvez melhor nos dê algum testemunho dessa marca de estranheza e desterritorialização posta em cena poeticamente pela linguagem verbal. É exatamente por carregar e ser fundada no inusitado e surpreendente que querer falar sobre a função poética da linguagem se torna tão arriscado.

Não haverá uma espécie de regra ou fórmula quando o assunto é a função poética da linguagem, ao fenômeno da função poética da linguagem deverá restar necessária parcela do inusitado pois irrepitível.

Ainda que não possa haver uma fórmula ou regra quanto ao fenômeno da função poética da linguagem, pensamos ser possível, precisamente do ponto de vista linguístico e conceitual, apontar para aquilo que a função poética da linguagem mobilizará; portanto, por mais que o poeta precise lidar com a indeterminação necessária e característica do fenômeno – que em si é irrepitível – é possível dizer que ele precisará trabalhar, consciente ou inconscientemente, com os conceitos até aqui explorados, ou seja, irá compor uma mensagem verbal surpreendente trabalhando com: eixo da seleção, eixo da combinação, som, sentido, arbitrariedade e valor.

#### 4. Outras palavras

No princípio de nosso texto anunciamos as perguntas fundantes de nosso itinerário, foram elas: quais são conceitos linguísticos que são mobilizados quando há dilatação do fenômeno da função poética da linguagem? Para compreender o fenômeno da função poética da linguagem, o que precisa, em termos teóricos, fundamentalmente ser considerado? Essas perguntas, por sua vez, na verdade, carregam em si uma dúvida que talvez possa ser neste momento posta como primeira, explicamos: ao iniciarmos uma leitura de ‘Linguística e Poética’, tendo compreendido que o tema principal que é a própria função poética da linguagem, fenômeno inscrito por Roman Jakobson entre os Estudos da Linguagem e os Estudos Literários, a primeira pergunta, talvez por obviedade que a nós ocorreu, pergunta que possivelmente se coloque a qualquer leitor que decida seja por qual motivo for interrogar-se a respeito da função poética da linguagem, e que poderia, é verdade, estar posta logo na partida, foi: o que é a função poética da linguagem para Roman Jakobson?

Pois bem, se optamos por não partilhar esta pergunta a nós primária, foi devido ao fato de termos percebido que a função poética da linguagem em Roman Jakobson está e restará inscrita no campo das incertezas (ou das certezas parciais)

A função poética em Roman Jakobson necessariamente tem a ver a indeterminação e com o irrepitível. Claro que é possível retornar ao fenômeno da função poética da linguagem em textos literários reconhecidos inclusive por alguma tradição e crítica, sim, entretanto, a nós parece, que uma coisa é estar diante de um exemplo do fenômeno, como os versos de Poe ou Shakespeare, e outra coisa é poder definir categoricamente a função poética da linguagem; quando dizemos que o fenômeno da função poética da linguagem está necessariamente inscrita no terreno da indeterminação, queremos dizer que a manifestação desse fenômeno nunca se dará de maneira igual para um e outro poeta ou seja lá quem arriscar através das palavras armar um jogo surpreendente entre som e sentido, entre as próprias palavras.

---

Podemos, sim, retornar aos versos surpreendentes de algum autor e ali reconhecer o efeito do fenômeno, entretanto, ali não estará a função poética da linguagem em si, ali ela está manifesta, se outro poeta quiser repetir a função poética tal como fora revelada por Shakespeare, pois bem, não será propriamente poético; isso pois uma coisa é estar diante de um procedimento reconhecido enquanto poético e outra é estar diante de um procedimento teórico-técnico. Pode ser possível reconhecer o fenômeno, mas jamais defini-lo por completo, à função poética da linguagem deverá restar grande parcela de surpresa e indeterminação, felizmente.

É possível compreender o que o fenômeno da função poética da linguagem em Roman Jakobson conceitualmente mobilizará, mas não será possível determiná-la de modo definitivo, já que não há uma regra que regule o efeito da função poética da linguagem. Desse modo, perguntarmo-nos no início pelos conceitos, não pela definição, perguntas que nos conduziram por um itinerário mais justo e principalmente possível – a nós.

Em última instância, lidar com a função poética da linguagem obriga-nos tanto a estar entre Estudos da Linguagem e Estudos Literários quanto a lidar com as incertezas e com o desconhecido das relações entre som e sentido, das relações entre as palavras; quem por acaso tiver o desejo de definições fixas, certezas e seguranças bem colocadas, precisará ocupar-se com outra coisa que não seja a função poética da linguagem, pois esse fenômeno o que ele faz é nos lançar nas incertezas do porvir.

Com este texto pensamos dar um importante passo que é o de compreender do ponto de vista conceitual e linguístico aquilo que a dilatação do fenômeno da função poética fundamentalmente mobiliza. Dado esse passo, percorrido um itinerário íntimo, um tanto de outras questões a nós se apresentam: como podemos pensar mais pormenorizadamente a relação entre os conceitos fundamentais da linguística sincrônica estabelecidos por Ferdinand de Saussure e a função poética da linguagem? Desde Roman Jakobson haveria conceitos linguísticos “secundários” mobilizados pelo fenômeno da função poética da linguagem? As mensagens verbais dos poetas são realmente mais poéticas que as construções dos falantes comuns? Para responder questões como essas, precisaremos seguir caminhando para desdobrar os efeitos que brotam durante os percursos. Efeitos esses que talvez sejam mais uma questão de efeito de escuta do que de análise da produção do fenômeno propriamente dito.

---

**Referências**

pag. 20

JAKOBSON, Roman. Linguística e Poética. In: *Linguística e comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.

JAKOBSON, Roman. *Seis lições sobre som e sentido*. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

TOLEDO, D. *Círculo linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Textos reunidos, anotados e apresentados por Dionísio Toledo; traduções de Zênia de Faria, Reasylyvia Toledo e Dionísio Toledo; introdução de Julia Kristeva. Porto Alegre: Globo, 1978.

Submetido: 16/04/2024

Aceito: 21/04/2024

Publicado: 22/04/2024

---

*Luiza Ely Milano*  
*Augusto Stevanin*

